

Saindo do castelo dos vampiros: a clínica da cultura de Mark Fisher

Nathan Athila

O presente artigo tem como objetivo analisar a obra do filósofo Mark Fisher, com foco nos conceitos de *realismo capitalista* e *lento cancelamento do futuro*, a partir de uma abordagem semiótico-psicanalítica. Parte-se da hipótese de que a contemporaneidade é marcada por uma paralisia estrutural que impede a emergência de alternativas políticas, culturais e subjetivas diante das crises social, econômica e ambiental. Segundo Fisher, essa condição manifesta-se na produção cultural, na atitude política e na relação com o tempo histórico, caracterizada por um excesso de passado no presente que resulta em um congelamento temporal. Tal dinâmica produz inovações esvaziadas, facilmente assimiladas pela lógica de mercado, e contribui para a perda de crença no futuro, frequentemente acompanhada por uma nostalgia melancólica. O artigo mobiliza a psicanálise aplicada, articulando referenciais freudianos e lacanianos, para compreender os efeitos desse contexto sobre as subjetividades, deslocando o adoecimento psíquico de explicações exclusivamente individualizantes ou neurobiológicas. Ao articular semiótica e psicanálise, o trabalho propõe uma leitura crítico-clínica da cultura contemporânea, evidenciando os impasses do capitalismo tardio e suas implicações para a imaginação política e a sobrevivência civilizatória.

Palavras-chave: Realismo capitalista; Mark Fisher; Cancelamento do futuro; Psicanálise; Cultura contemporânea.

Introdução

O artigo tem como objetivo apresentar a obra e os conceitos do filósofo Mark Fisher, do *Realismo Capitalista* ao *Lento Cancelamento do Futuro*, estabelecendo, por meio da semiótica e da psicanálise aplicada, uma análise semiótico-psicanalítica que se aproxima de um diagnóstico clínico-cultural do século XXI. Segundo Fisher, vivemos em uma época marcada por instâncias que impedem a inovação e a criação de alternativas viáveis ao colapso social, econômico e ambiental, isso se expressa de maneira particular na atitude política, na produção cultural e na forma de como tratamos a natureza.

Trata-se de uma paralisia no âmago do processo da globalização com efeitos significativos nas subjetividades e na vida cotidiana das pessoas. O autor considera que existe um excesso de acomodação do passado no presente que orienta e produz um congelamento temporal no contemporâneo. Essa imobilidade teria como consequência uma inovação inócuia que não formula movimentos artísticos e políticos realmente eficazes e subversivos, muitos deles sendo incorporados facilmente à culturalização de mercado, processo que Fisher denominou de “o lento cancelamento do futuro”.

Esse conceito refere-se à dificuldade de lidar com o passado e principalmente com as suas catástrofes recentes, ao mesmo tempo em que se tenta imaginar um futuro. Ele se relaciona a uma experiência de espaço-tempo desorientada, com uma série de deslocamentos e condensações que podem levar à perda de crença no futuro e à nostalgia melancólica. Para ele, tal confusão cultural pode se manifestar, inclusive, em diagnósticos relacionados a doenças neurodegenerativas e distúrbios de memória. Com isso, tenta também descentralizar o adoecimento psíquico do sujeito, afastando-o tanto da individualização total neoliberal quanto da bioquímica neuro-psiquiátrica.

Para isso, utiliza-se da psicanálise aplicada, articulando conceitos freudianos e lacanianos para balizar as principais causas dos sintomas de nossa época. Com sua tese do *realismo capitalista*, defende que a sociedade está impedida de produzir uma política que ultrapasse a lógica de consumo, de escala e intensidade que marca uma nova época geológica antropocênica, interpõe através da sua obra um corte contra a naturalização que transforma e dinamiza as pessoas em zumbis consumistas, incapazes de questionar e sonhar com outros futuros, e, por meio da semiótica e da psicanálise, desafiar as premissas que impedem os câmbios necessários para a sobrevivência da civilização.

1.1 O tempo congelado

A ideia de paraíso perdido do autor está associada a uma conexão direta entre passado-futuro, ao qual o presente é excluído da experiência imediata e o afeto é sentido diante de uma percepção que os futuros um dia desejados são desejos perdidos que não se realizaram conforme o esperado.

Este paradigma apresenta uma desorientação do desejo, que não está situado em nenhuma parte e nas bases culturais atuais, seu alvo está no passado, portanto na busca de um “paraíso perdido” em que supostamente vivíamos de forma plena. Logo afirma que “a cultura do século XXI é marcada pelo anacronismo” (FISHER, [2014] 2024, p.24). Extraíndo o conceito do filósofo Franco “Bifo” Berardi ao falar do “lento cancelamento do futuro” para descrever este fenômeno que teve início nas décadas 70 e 80.

Com a conceitualização, interpreta e apresenta a incapacidade na produção cultural atual de criar o novo: as produções contemporâneas—seja na moda, no cinema ou na música— simulam períodos e obras já existentes, resgatando tendências passadas e reformulando-as.

Mediante a esse diagnóstico cultural e do sujeito contemporâneo, surge um paradigma psicanalítico que logo coloca em evidência o *objeto a* lacaniano na obra de Fisher, visto que o conceito de Lacan coloca em jogo a dimensão da perda e da estrutura do desejo.

Na teoria psicanalítica de Lacan, *objet petit a* representa o objeto inatingível do desejo. Às vezes é chamado de objeto de causa do desejo. Esse *a* que é o único dentro do qual se apreende o que ocorre com o gozo em relação ao que é criado pelo aparecimento de uma perda (LACAN, [1968-1969] 2006. p. 140). Teoricamente foi criado a partir da leitura de Freud sobre o luto e a melancolia, como desencadeada pela experiência da perda de um objeto de amor, o melancólico seria aquele que não se desacopla do objeto perdido.

Deste modo, podemos aplicar a concepção de *a* tanto como algo que anima e mobiliza o circuito do desejo, quanto uma coisa que estagna e paralisa-o. Diferente do luto, em que a perda é superável, na melancolia o sujeito perde a si mesmo, paralisa e se desliga junto com a partida do objeto. A condição de que a vida continua, mas o tempo, de alguma forma, parou. (FISHER, [2014] 2024, p. 23).

Aplicando a concepção Freud/lacaniana à cultura, Fisher identifica o sujeito sem um olhar para o futuro, anti-geracional, imobilizado em referências nostálgicas do passado, ancestrais, perdido e desconectado do presente. Apresentando um sujeito melancólico que busca manter a todo tempo os vínculos afetivos com um passado idealizado.

“Enquanto a cultura experimental do século XX foi dominada por um delírio de recombinações (...), o século XXI é oprimido por uma

esmagadora sensação de finitude e exaustão. Não parece o futuro. Ou, alternativamente, parece que o século XXI não começou ainda.” (FISHER, [2009] 2020, p. 26).

Assim descortina a melancolia que sufoca a inovação deste século. Seu diagnóstico não é uma conclusão, mas uma intervenção crítica contra o excesso de referências estéticas passadas. Questiona os fatores inibidores do acesso à inovação, apoiando-se em Jameson para afirmar que talvez sejamos incapazes de focar no presente e representar nossa própria experiência.

É possível considerar que a enunciação do conceito de realismo capitalista funcionou como uma espécie de ato analítico, ou seja, na nomeação de um sintoma que é do mal estar difuso causado por esse mesmo neoliberalismo. (GALVÃO, 2023, p. 83).

Numa cultura amplamente digitalizada, que armazena e ressuscita incessantemente tendências do século XX, tudo ocorre paralelamente ao passado. Assim, Fisher sugere que ainda não entramos de fato no século XXI. Esta forma de dinâmica implica a melancolia como o sintoma da crise do capitalismo e da saúde mental na contemporaneidade. Para ele, essa cultura pode contribuir para o aumento de doenças relacionadas à memória e à atenção. Os adoecimentos psíquicos não são meramente biológicos, mas refletem a relação sujeito-cultura que permeia a experiência subjetiva.

O ato analítico é uma intervenção vital na psicanálise, inserido por Lacan, que não se resume à interpretação, mas sim a uma ação do analista que rompe com o impasse da análise e provoca efeitos significativos no paciente.

Ele pode ser um gesto, uma palavra, ou o corte de uma sessão, funcionando como um "começo lógico" que desfaz uma ordem de coisas e permite ao analista ultrapassar seus limites no engodo ao qual está envolvido. Este ato analítico também comporta a necessidade de introduzir elementos da música e do cinema como uma outra cena na análise cultural, Fisher utiliza a banda Joy Division para ilustrar como a melancolia se manifesta na cultura popular e como pode servir com potencial à crítica social.

“A melancolia era a forma de arte de Curtis, assim como a psicose era a de Mark E. Smith, do The Fall. Nada poderia ter sido mais adequado do que o disco Unknown Pleasures (1979) começar com uma faixa chamada ‘Disorder’ (...).” (FISHER, [2014] 2024, p. 81)

E é através de Joy Division que ele pode estabelecer o laço essencial entre o sintoma e a arte, para a sua teoria crítica, pois para Lacan, o sintoma é uma formação do inconsciente que expressa o recalcado, uma metáfora carregada de sentido, mas não totalmente decifrável.

A arte, por sua vez, pode ser vista como uma forma de lidar com o sintoma e o gozo, especialmente através do sinthoma, o "quarto nó" que sutura o Real, Simbólico e Imaginário. Portanto, a utilização desse recurso torna-se o veículo que dá consistência ao lidar com o Real, que é por definição inconsistente e impossível de ser simbolizado por completo. A arte opera em um espaço entre o sentido e o não-sentido, conseguindo de alguma forma "tocar" o indizível (o Real) e dar-lhe uma forma ou "consistência" que, de outra maneira, seria inatingível. Portanto, a análise e a capitulação de Joy Division por Fisher, qualifica a articulação entre arte e teoria crítica cultural.

1.2 Blade no castelo dos vampiros

A articulação que Fisher faz de *Joy Division* aparece no capítulo chamado Nenhum Prazer (do livro *Ghosts of My Life*). O título do texto aparece como signo que anuncia o estado depressivo de uma Inglaterra em declínio, repleta de zumbis e vampiros sufocando as inovações e manifestações culturais em clubes privados e padronizados. Em contraposição a vivência da cultura rave, do jungle e do punk. Para ele, o objetivo desses ambientes era precisar e vender o ideal neoliberal de um prazer diferenciado, exclusivo e ilimitado—acessível apenas àqueles que o “merecessem”. Sendo esse tipo de atividade o verdadeiro vetor dos valores neoliberais nos indivíduos e na sociedade.

Se, na música, *Joy Division* foi determinante para a leitura da ausência de sentido e do desinteresse total por aquela realidade cultural—já marcada pelos primeiros sinais do

congelamento estético—no fim do século XX, *Blade* (1998) talvez seja o filme que melhor alude à visão do autor sobre o realismo capitalista na virada para o século XXI.

“O que eles viram lá? Somente o que todos os depressivos, todos os místicos, sempre veem: a contração obscena dos mortos-vivos do querer enquanto buscam manter a ilusão de que este objeto, o que está fixado AGORA, este vai satisfazê-lo de uma forma que todos os outros objetos até agora não o conseguiram.”(FISHER, [2014] 2024, p. 86).

Apesar de Fisher não citar explicitamente o filme em seus escritos, *Blade* aparece como metáfora: vampiros em clubes de techno madrugada adentro, numa busca incessante de prazer às custas do sangue humano, transformando ruas e vielas em espaços nefastos, sem alegria, onde qualquer desvio pode resultar na captura pelas criaturas da noite.

Blade é um vingador imortal, cuja mãe foi mordida por um vampiro e morreu no parto. Contaminado pela força sobre-humana dos vampiros, que penetrou em seu sangue, o herói luta para salvar a humanidade. Sua condição híbrida imprime um dilema ético: ele não se identifica como vampiro, mas usa suas habilidades contra eles. É um anti-herói movido por uma ética que vai além do desejo de salvação pessoal.

No ensaio "**Exiting the Vampire Castle**" (*Saindo do Castelo dos Vampiros*), Fisher propõe uma saída do ideal individualista e da luta solitária. Tal posição, embora nobre, mostra-se ineficaz diante da complexidade do espectro político contemporâneo. Fisher defende que se deve concentrar em reconhecer a luta por justiça social como um processo coletivo. A responsabilização deve recair sobre instituições e sobre sistemas que promovem opressão (*os verdadeiros vampiros*), e não sobre indivíduos isolados.

Ele se opõe tanto ao conforto narcísico do “dever cumprido” pelo cancelamento digital, quanto ao excesso de performatividade neoliberal, que transforma sujeitos em peças de uma maquinaria de produtividade insaciável.

O primeiro fenômeno é o que acabei por chamar de Castelo dos Vampiros. O Castelo dos Vampiros é especializado na propagação da culpa. É impulsionado pelo desejo de um padre de excomungar e condenar, o desejo de um pedante académico de ser o primeiro a ser visto a detetar um erro, e o desejo de um hipster de ser um dos mais

populares. O perigo de atacar o Castelo dos Vampiros é que pode parecer que – e o Castelo fará tudo o que estiver ao seu alcance para reforçar este pensamento – se está também a atacar as lutas contra o racismo, o sexism, o hétero-sexism. Mas, longe de ser a única expressão legítima de tais lutas, o Castelo dos Vampiros é melhor entendido como uma perversão burguesa-liberal e apropriação da energia destes movimentos. O Castelo dos Vampiros nasceu no momento em que a luta para não ser definida por categorias identitárias se tornou na busca de ter “identidades” reconhecidas por um Grande Outro burguês. O privilégio de que gozo, como homem branco, consiste, em parte, em não ter consciência da minha etnia e do meu género, e é uma experiência soberba e reveladora ser ocasionalmente sensibilizado para estes pontos cegos. Mas, em vez de procurar um mundo em que todos consigam a liberdade de classificação identitária, o Castelo dos Vampiros procura encurralar as pessoas de volta aos campos de identidade, onde são para sempre definidas nos termos definidos pelo poder dominante, aleijados pela autoconsciência e isolados por uma lógica solipsista que insiste em não nos entendamos a menos que pertençamos ao mesmo grupo identitário. A tarefa, como sempre, continua a ser a articulação da classe, género e raça – mas o movimento fundador do Castelo dos Vampiros é a desarticulação da classe de outras categorias. (FISHER, 2013)

A ideia do “Grande Outro”, de Lacan, é central aqui: trata-se de uma estrutura simbólica que organiza nossa experiência e nossas crenças. Fisher argumenta que o realismo capitalista assumiu essa posição dominante de Outro, de castelo dos vampiros burgueses, tornando quase impossível imaginar alternativas ao sistema atual. Por isso seria mais fácil imaginar (e aceitar) o fim do mundo do que o fim do capitalismo.

Nesse contexto, o “objeto a”—conceito lacaniano que representa a falta e o motor do desejo—torna-se fragmentado e difuso, o que impede a articulação de um desejo que não esteja endividado e culpado no esteio desse Outro vampiresco .

2.1 a psicanálise e a ausência de futuro

Em *Desejo Pós-Capitalista*, Fisher explora como o capitalismo molda, absorve e instrumentaliza o desejo humano e suas reivindicações, transformando-o em desejo

mercantilizado. Ele argumenta que a consciência de classe é fundamental para romper com essa lógica anestesiante da denegação liberal diante da realidade da condição dos trabalhadores. A superação do capitalismo requer uma transformação simultaneamente psicológica e social: uma mudança nas estruturas sociais e econômicas, assim como na forma de pensar e sentir. Fisher enfatiza a importância de compreender como o desejo opera no interior do sistema capitalista — como prazeres e sofrimentos podem ser instrumentalizados, como o ressentimento é manipulado contra nós e como, sem organização coletiva, permanecemos presos a circuitos de gozo mortífero e de consumo predatório.

Pois como aponta Massimo Recalcati, não existe de fato, um limite estabelecido pelo Outro, que define até onde seja certo lançar-se à realização do próprio desejo. (RECALCATI, 2022, p. 100). A partir da psicanálise lacaniana, o desejo é compreendido como estruturado em torno de uma falta—algo que nunca se completa, e por isso nos move. O *objeto a* (objeto pequeno a) representa justamente essa falta fundamental, e é o motor de nossa busca incessante por satisfação.

O desejo se distingue do gozo (*jouissance*), experiência ligada ao corpo e que frequentemente entra em conflito com a ordem simbólica. Assim, o desejo opera como um limite ao gozo e à busca desenfreada por satisfação. Fisher utiliza esse arcabouço teórico para mostrar como o capitalismo organiza nossos modos de desejar, erguendo uma barreira à construção de alternativas viáveis. O desejo está associado à falta, à linguagem e à abertura, enquanto o gozo se relaciona ao excesso, ao trauma, à repetição e à captura do sujeito. Essa separação entre desejo e gozo é importante justamente para marcar a origem da fundação do desejo na interdição incestuosa. Ou seja, o limite imposto pela interdição que possibilita o desejo.

Este paradoxo do realismo capitalista, foi utilizado por Pier Paolo Pasolini talvez com outro nome, o *novo fascismo*, para indicar uma *mutação antropológica* e descrever uma profunda transformação no modo de ser, pensar e viver das pessoas na Itália (e no Ocidente) a partir dos anos 60. A imposição de um novo “modelo humano”, o capitalismo tardio criou um novo tipo de ser humano, moldado pelo consumo, pela publicidade e pela televisão. Esse sujeito valoriza o prazer imediato, é orientado por desejos fabricados, se identifica com um ideal padronizado, perde vínculos tradicionais (família, religião, comunidade).

Portanto, um totalitarismo não político, mas cultural. Pasolini afirma que a nova forma de poder não é mais o fascismo clássico. Para ele, o verdadeiro totalitarismo moderno é o hedonismo consumista.

O discurso do capitalista aparece em Pasolini como capaz de transformar os homens em puros instrumentos de gozo, elevando o gozo à única forma possível de Lei, no imperativo paradoxal do gozo, gozar até a morte. (RECALCATI, 2022, p. 55).

A partir dessa forma de Lei, em suas análises culturais, Fisher observa como muitas expressões artísticas do final do século XX e início do XXI revelam uma obsessão com a decadência, a ruína e a repetição. Ele identifica uma *estetização do colapso* que, em vez de suscitar resistência ou surpresa, somente canaliza os afetos para o desespero ou para a apatia.

Portanto um tipo de imagem que revela mas não dialetiza com os seus espectadores, não produz choque e ação, Didi-Huberman aborda essa questão evocando a noção de imagem dialética de Walter Benjamin, “somente as imagens dialéticas, são imagens autênticas”, e por que, nesse sentido, uma imagem autêntica deveria se apresentar como imagem crítica (HUBERMAN, [1998] 2021, p.161). A cultura midiática, sobretudo a partir dos anos 2000, passou a explorar imagens de fim do mundo, catástrofes tecnológicas, distopias sociais e cidades em ruínas.

Contudo, essa repetição imaginária do fim funciona como uma válvula de escape que dissipa a energia política transformadora. Na maioria das vezes, essas representações servem mais para nos anestesiar do que para nos mobilizar. Sugere que há uma conexão direta entre essa estética apocalíptica e a lógica do realismo capitalista: quanto mais somos confrontados com versões simbólicas do fim, mais naturalizamos a ideia de que não existe alternativa ao presente. A repetição incessante de colapsos fictícios, aliada à manutenção do status quo econômico e político, produz um tipo de gozo melancólico que se infiltra na cultura popular, inibindo o desejo pelo novo e sustentando uma atitude de indiferença diante da voracidade da ideologia de consumo. “Já que não podemos fazer nada diante do fim, podemos continuar gozando do nosso estilo de vida mortal”.

Para Fisher, o problema do realismo capitalista não pode ser reduzido a uma questão meramente econômica ou ideológica. Trata-se de uma crise que é, ao mesmo tempo, cultural, existencial e psicológica. Por isso, ele propõe a necessidade de uma “clínica cultural” — um espaço teórico e político capaz de diagnosticar e intervir não apenas em sujeitos individuais, mas numa sociedade atravessada por um sofrimento psíquico compartilhado.

Essa clínica, atravessada tanto pela psicanálise quanto pela crítica cultural, buscaria compreender de que modo o desejo, o sintoma e o gozo são modulados pelo sistema capitalista contemporâneo. Ela se situaria no impasse da depressão e da ansiedade generalizada, da exaustão subjetiva e da melancolia coletiva — sintomas de uma cultura que não imagina um futuro. Joy Division, os filmes de terror e de gângsteres, a moda retrô, a música e a estética do movimento hauntológico proposto pelo autor — todos eles já se encontram atravessados por um sentimento de perda, impossibilidade e nostalgia por futuros que nunca se realizaram. É justamente nesse sentido que a psicanálise pode, assim como em sua origem, manter-se na vanguarda como uma importante aliada de Eros e, em momentos de crise, mais uma vez se contrapor ao império de Thanatos e à ideologia dominante segundo a qual “não há alternativa” e esta seria a única realidade possível.

Conclusão

Mark Fisher capturou com grande sensibilidade a paralisia cultural do século XXI, marcada pelo apego às formas, imagens e afetos do passado e pela dificuldade de projetar futuros dentro da lógica imperativa do discurso capitalista. Suas reflexões apontam para a necessidade de um trabalho coletivo — político, estético e clínico — capaz de restituir a crença no futuro e reativar o desejo por uma vida que ainda pode ser inventada. Contrapondo a própria máxima de que é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo, talvez nossa tarefa seja reinscrever o impossível no horizonte do possível. Isso não implica apenas propor novas políticas ou novos modos de desejar, mas também preservar o meio ambiente e criar laços positivos e duradouros que permitam transmitir às próximas gerações o desejo de estar no mundo.

Referências

LACAN, Jacques. (...). **O seminário, livro 16:** de um Outro ao outro. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FISHER, Mark. **Sair do castelo do vampiro.** 02 mar. 2021. Não paginado. Disponível em:<<https://jornalbandeiravermelha.wordpress.com/2021/03/02/sair-do-castelo-do-vampiro-traducao/>>. Acesso em: 6 11. 2025.

FISHER, Mark. **Desejo pós-capitalista: últimas aulas.** Tradução:Fábio Fernandes. São Paulo: Autonomia Literária, 2025.

FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida:** escritos sobre a depressão, assombrologia e futuros perdidos. Tradução: Guilherme Ziggy. São Paulo: Autonomia Literária, 2024.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista:** é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?. Tradução: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeodato e Maikel da Silveira. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

GALVÃO, Antonio. **Do realismo capitalista ao comunismo ácido:** o legado de Mark Fisher. São Paulo: Autonomia Literária, 2023.

RECALCATI, Massimo. **O complexo de telêmaco:** pais, mães e filhos após o acaso do pai. Tradução: Cesar Tridapalli. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

RECALCATI, Massimo. **Pasolini o fantasma da origem.** Tradução: Cesar Tridapalli. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha.** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2021.